

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE REPRESENTATIVIDADE E AUTOIDENTIFICAÇÃO NEGRA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS NA SEMANA DO FOLCLORE DA UFPEL

TAMARA DIAS NUNES¹; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS²

¹Universidade Federal de Pelotas – *benvita1418@hotmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *thiagofolclore@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo parte do pressuposto de uma desconstrução pessoal e social, a qual a autora perpassou durante um conjunto de vivências acadêmicas, reflexo de suas ações sociais dentro de um projeto de extensão vinculado a Universidade Federal de Pelotas: o NUFOLK – Núcleo de Folclore da UFPel, no qual atua como bolsista. Tais ações acarretaram reflexões em relação à importância do papel de representatividade étnica negra perante o atual contexto social.

O NUFOLK é um projeto do Centro de Artes da Universidade Federal De Pelotas, criado em 2010, coordenado pelo professor do Curso de Dança – Licenciatura, Thiago Amorim. O projeto que tem por objetivo trabalhar com a valorização da história da cultura popular demonstrando as mais variadas formas em que o folclore se manifesta. Desde 2012, o NUFOLK vem celebrando a Semana do Folclore, evento que ocorre sempre na semana do dia 22 do mês de agosto, data em que comemoramos o Dia Mundial do Folclore.

A Semana do folclore é um evento que conta com o apoio do Centro de Artes e de outros parceiros de dentro e de fora da universidade. Neste ano de 2019, durante a organização deste evento ficaram evidenciados diversos papéis sociais, de ministrante de oficinas a público, mas o mais importante para a autora foi a descoberta de mais um papel, sonhado desde a infância desta: o sonho de ser professora.

Partindo da condição de bolsista do NUFOLK, foi oportunizado a autora vivenciar uma das experiências mais incríveis e talvez mais marcantes de sua vida acadêmica até o momento. Iniciou-se a partir daí um processo de resgate de memórias a fim de analisar a trajetória de sua vida escolar, ficando evidenciada a ausência de professores e colegas negros, influenciando naturalmente sua visão sociológica de identidade por não ter ampla representatividade efetiva da comunidade negra na universidade.

Deste modo, o presente trabalho se propõe a refletir como tais experiências extensionistas vividas através do Núcleo de Folclore da UFPel – NUFOLK, durante a Semana do Folclore 2019, se configuram como elementos importantes para discutir o pertencimento e a autoidentificação étnica negra.

2. METODOLOGIA

O referido estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, que teve como título para busca a importância da representatividade negra com enfoque nas relações escolares enquanto estudante do Curso de Pedagogia. Partindo disto, foi necessária a busca por literaturas que embasassem entendimentos referentes a tal

temática, a fim de sanar algumas dúvidas que foram surgindo naturalmente no decorrer deste processo de ressignificação com seus dogmas e paradigmas, onde se mostrou necessário e enfrentamento destes na maioria das vezes. Também são adotados como instrumentos para a escrita os relatórios e documentos de registro da Semana do Folclore, bem como a condição de participante e observante durante o evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

OLIVEIRA *apud* HALL (2006) corrobora que a identidade, numa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de projetarmos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, torna-se “parte de nós”, contribuindo para alinhar sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. De acordo com o autor: “A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora, “sutura”) o sujeito à estrutura.”

Portanto, após a busca por respostas que ratifiquem e explique o porquê da continuidade de certos contextos sociais, ficou clara a necessidade de entender e adentrar tal sistema, para assim poder modificá-lo.

Ao rememorar sua infância, houve a lembrança da autora de uma constante luta psicológica, exemplificada pela dificuldade em achar personagens que representassem em qualquer contexto social para que servissem de referência para esta em qualquer área. Evidenciou-se também sua busca por aceitação social e étnica, mas, com a negação de alguns traços da cultura negra, os quais eram suprimidos e abriam espaço para busca pela proximidade com a cultura e etnia caucasiana.

Conforme relata OLIVEIRA (2018), a sociedade funciona como um organismo vivo, que se adapta às transformações e vai se modificando conforme o habitat, sendo crucial verificar que assim como o corpo humano, todos os acontecimentos sociais em grandes escalas vão se relacionando entre si, de modo que a cultura de massa é um produto da indústria cultural, e essa indústria é mantida por uma elite que detém os meios de comunicação, que por sua vez detém também do capital, poder político e poder simbólico perante os outros grupos.

Durante a realização da Semana do Folclore 2019, a autora participou de uma atividade da programação intitulada “Conversa-Performance sobre Dança e Negritude: reflexões e experiências do/del Sul/Sur”. Em tal atividade, foi problematizada a condição étnica sob o ponto de vista da negritude. Esta experiência mobilizou muitos aspectos e questões particulares dos presentes, em especial da bolsista, fazendo-lhe lembrar de uma cena em que tinha vivido dias atrás como ministrante de oficina em uma determinada escola.

Na ocasião, percebeu-se que nesta instituição mais uma vez não havia professores negros, e que os únicos negros que ali estavam eram a autora, na condição de “professora”, em função do evento e do projeto de extensão, e mais três pessoas: uma senhora, um rapaz e uma moça que exerciam funções de monitores e serventes da instituição.

Com isso, notou-se que ao andar com o seu cabelo crespo volumoso (armado) solto como de costume, que por muitos é conhecido por *Black Power*, transformou-se numa agente social que causava curiosidade entre os componentes daquele educandário.

Por fim, foi observado também que quando adentrou na sala de aula, ao fazer uma pequena leitura da turma, constatou que haviam 12 alunos brancos e 1 aluna negra. A maioria dos alunos da sala era de meninas e, de certa forma, através desta curiosidade, acabou encorajando a única aluna negra supracitada a aproximar-se da “nova professora” para esboçar sua alegria em estar se sentindo representada etnicamente pela primeira vez naquele espaço. Foi uma experiência bastante emocionante e marcante.

Ribeiro (2018) relatou, em seu livro “Quem Tem medo do Feminismo negro?”, o seguinte:

Mas todo dia eu tinha que ouvir piadas envolvendo meu cabelo e a cor da minha pele. Lembro que nas aulas de história sentia a orelha queimar com aquela narrativa que reduzia os negros à escravidão, como se não tivessem um passado na África, como se não houvesse existido resistência. Quando aparecia a figura de uma mulher escravizada na cartilha ou no livro, sabia que viriam comentários como “olha a mãe da Djamilá aí. (RIBEIRO, 2018)

Tal passagem demonstra, mais uma vez, que as humilhações desta natureza não são isoladas e, sim, compartilhadas pela comunidade negra de qualquer região do país. Estar vivendo esta experiência de extensão permitiu ressignificar o olhar sobre as questões de negritude e, ao mesmo tempo, permitir ser tocada pelo olhar sensível e brilhante da pequena aluna que se via representada de um outro modo, através de uma professora, que dava visibilidade sem medo aos seus belos cabelos crespos.

4. CONCLUSÕES

Levando em consideração todo este espectro de experiências e emoções vividas na Semana do Folclore, e que foram apresentados pelo presente estudo, pode-se concluir que a representatividade IMPORTA, sim!

As bibliografias consultadas foram apenas algumas das diversas que precisam ser mais exploradas pelo campo da sociologia, antropologia, artes e, principalmente, pela pedagogia, afim de determinarem com êxito sobre a importância da representatividade. Autores e autoras negros precisam ser lidos, visibilizados, valorizados e difundidos, pois também é aí que geramos representatividade.

Enfatiza-se também estudos desta natureza são necessários em relação a novas práticas e também à busca por novos olhares que expliquem esse novo fenômeno social para avaliá-las e explicitá-las no meio científico, buscando fomento e resolução de problemas inseridos no contexto social e que tratem das questões de raça, cultura e etnia.

Com isso conclui-se também que estudos sobre representatividade e protagonismo negro precisam e devem ser realizados, a fim de fomentar essa área de grande importância para a formação social de docentes e discentes que servirão futuramente de base para uma mudança histórico-social que se mostra cada dia mais necessária. Assim, há que se reconhecer e exaltar também o projeto de extensão e as ações que ele desenvolve como formas de permitir tais experiências e reflexões que certamente contribuirão de modo singular na trajetória formativa dos estudantes universitários, além dos docentes e de todas as comunidades envolvidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HALL, S. Identidades Culturais na pós modernidade. HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir. A educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

OLIVEIRA, V. H. S. de **Pantera Negra: Representatividade e ancestralidade. Um estudo sobre as novas representações dos indivíduos negros em produtos audiovisuais.** 2018. Tese/Dissertação/monografia- Programa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018.